



Teoria Crítica, ideologia e cultura moderna: o conceito de “indústria cultural” sob o paradigma da tecnologia da informação

Critical theory, ideology and modern culture: the concept of “cultural industry” under the information technology paradigm

Arim Soares do Bem¹; Josielice dos Santos Almeida²

¹ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5245-3456>; Universidade Federal de Alagoas – Ufal, Doutor em Sociologia pela Freie Universität Berlin (RFA), Professor associado do Instituto de Ciências Sociais da Ufal, Programa de Pós-graduação em Sociologia, BRAZIL; mebsores@gmail.com;

²ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8265-2138>; Universidade Federal de Alagoas, Ufal, Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia, possui graduação em Ciências Sociais na mesma Universidade, BRAZIL; josielicealmeida@hotmail.com.

Recebido em: 06 de maio de 2020; Aceito em: 19 de maio de 2020; publicado em 10 de 07 de 2020. Copyright© Autor, 2020.

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, a partir de uma abordagem acerca das relações sociais intermediadas por tecnologias e meios de comunicação de massa no final dos anos de 1940. A reflexão empreendida coloca em foco as mudanças sociais que tiveram início antes mesmo deste período e ganharam maior expressividade nas décadas finais do século 20 com a chamada “revolução da tecnologia da informação”. Considerando-se a centralidade dos pressupostos teórico-sociais e a emergência do conceito de “indústria cultural”, desenvolve-se uma reconstrução da crítica da ideologia em a *Dialética do Esclarecimento*, dando visibilidade às potencialidades e limitações desta produção a partir do “paradigma da tecnologia da informação” do sociólogo espanhol Manuel Castells.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Crítica frankfurtiana; Meios de comunicação de massas; Tecnologias da informação.

ABSTRACT: This article presents a reflection on the work *Dialectic of Enlightenment* (1947), by Theodor W. Adorno and Max Horkheimer, starting from an approach about social relations mediated by technologies and mass media in the late 1940s. The reflection undertaken puts in focus the social changes that began even before this period and gained greater expression in the final decades of the 20th century with the so-called “information technology revolution”. Considering the centrality of the theoretical-social assumptions and the emergence of the concept of “cultural industry”, a reconstruction of the critique of ideology is developed in the *Dialectic of Enlightenment*, giving visibility to the potentialities and limitations of this production from the “paradigm of information technology” by the Spanish sociologist Manuel Castells.

KEYWORDS: Frankfurt Critical Theory; Mass media; Information technologies.

A tecnologia não é boa, nem ruim e também não é neutra.
(Kranzberg)

Não é a técnica o elemento funesto, mas seu enredamento nas relações sociais, nas quais ela se encontra desenvolvida.
(Adorno e Horkheimer)

INTRODUÇÃO

Desde o final da segunda metade do século 20 o mundo vem assistindo a uma transformação que se difunde em ritmo intenso e acelerado. Quem aponta para esse fenômeno como a emergência de uma nova configuração social, compreendida a partir de um paradigma tecnológico da informação, é o sociólogo espanhol Manuel Castells.

Considerado na atualidade como um dos mais influentes estudiosos das sociedades da Era da Informação, Castells (1999, p. 68), já no final do último milênio, enfatiza que “houve uma constelação de grandes avanços tecnológicos nas duas últimas décadas do século XX” e que, desde então, “vivemos em um mundo que se tornou digital”.

Castells, em sua obra *A sociedade em rede* (a primeira de uma trilogia publicada pela primeira vez em 1996)¹, menciona o historiador norte-americano Melvin Kranzberg para tratar da ambivalente relação entre a tecnologia e a sociedade. Se para Kranzberg (1985) “a tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra”², em concordância, Castells salienta que as tecnologias presentes nas esferas da ação e da interação social não teriam um destino determinado (com referência em especial às questões morais de seu uso). Mas não descarta que esta seria uma questão passível de investigação.

Em muitos momentos de sua obra, Castells discorda da maioria dos discursos com perspectivas pessimistas acerca das transformações sociais movidas por diversas tecnologias. Esse posicionamento é defendido pelo autor, ainda que indiretamente em muitas passagens faça larga menção a algumas das produções clássicas da Teoria Crítica no que se refere às tecnologias em sua relação com a sociedade capitalista. Para ele, a

¹As obras *A sociedade em rede* (1996), *O poder da identidade* (1997) e *Fim do milênio* (1997), são respectivamente o primeiro, segundo e terceiro volume que compõem uma trilogia publicada por Manuel Castells sob o nome de *A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura*.

²(KRANZBERG, 1985, p. 50 apud CASTELLS, 1999, p. 113).

maioria dessas abordagens estaria mais propensa ao erro por um “engano profícuo” e “manipulação ideológica”.

Castells acentua que a sua interpretação sobre a revolução da tecnologia da informação teria uma conotação mais sóbria e expressar-se-ia a partir de uma postura que não subestima a importância fundamental de tais transformações.

Levando-se em consideração esse ponto de vista, as reflexões deste artigo ganham como enfoque central a análise de aspectos teóricos no que concerne aos desafios da obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), dos pensadores alemães Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, para pensar as relações sociais intermediadas por tecnologias. Esta obra nos permite pensar sobre as tecnologias da comunicação ainda no final da primeira metade do século 20 em contexto norte-americano e europeu – décadas anteriores ao prognóstico de Castells.

As reflexões aqui desenvolvidas partem do pressuposto de que a radicalidade analítica atribuída à crítica da ideologia dos pensadores frankfurtianos, em especial na obra aqui em enfoque, não se reduz a uma certificação da limitação de suas análises. Essa radicalidade, portanto, demandaria a compreensão de como o pensamento desses estudiosos estava intimamente ligado às contradições, tensões, desafios e dilemas implícitos no decorrer da década de 1940 (anos de eclosão da Segunda Guerra Mundial). Deste modo, a abordagem na qual se fundamenta esta discussão leva em consideração o contexto sócio-histórico e político da *Dialética do Esclarecimento*, e pretende problematizar as contribuições dessa produção diante das atuais características históricas mediadas por tecnologias digitais aqui em evidência.

Neste sentido, lança-se luz aos aspectos mais pertinentes relacionados às concepções de “indústria cultural” e “razão instrumental” abordadas por Adorno e Horkheimer na referida obra, sob o crivo de um avanço temporal e teórico possibilitado pelos sociólogos norte-americano John B. Thompson e o espanhol Manuel Castells. O primeiro estudioso possibilita uma discussão sobre os meios de comunicação de massas no contexto da formação das sociedades modernas; o segundo, por sua vez, propõe uma pertinente reflexão acerca de uma nova estrutura social que ganhou forma nas décadas finais do último milênio, conceituada como a “sociedade em rede”.

Este artigo, além da introdução e considerações finais, está dividido em três momentos. O primeiro expõe um breve resgate de alguns dos aspectos mais relevantes da Teoria Crítica frankfurtiana e de seus principais integrantes, apresentando, para isso,

a obra *Dialética do Esclarecimento* sob a perspectiva de uma reconstrução da crítica à ideologia a partir dos conceitos de “indústria cultural” e “racionalidade instrumental”, sem perder de vista alguns apontamentos críticos direcionados às concepções propostas por Adorno e Horkheimer. Em seguida, desenvolve-se uma reflexão sobre os desafios de pensar as relações intermediadas por tecnologias de “autocomunicação em massa” como uma nova configuração desenvolvida por redes horizontais e comunicação interativa, a partir de Castells e sua discussão sobre o “paradigma da revolução da tecnologia da informação”, em sua obra *A Sociedade em Rede* (1996). Por último, são abordadas algumas considerações de Thompson sobre a relação entre a teoria social crítica e os meios de comunicação de massas, em sua obra *Ideologia e Cultura Moderna* (1989).

DESENVOLVIMENTO

TEORIA CRÍTICA, IDEOLOGIA E CULTURA MODERNA

Por Teoria Crítica entende-se uma tradição intelectual que emergiu no final da década de 1930 a partir do ensaio *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* publicado em 1937 por Max Horkheimer, o qual esteve à frente do Institut für Sozialforschung (fundado no ano de 1923 na cidade de Frankfurt). Esta tradição desenvolvida pelos teóricos do Institut intencionava dialogar de forma inovadora com o marxismo (FREITAG, 1994). Esse aspecto fica muito evidente quando a própria noção de “teoria crítica” designa as produções de intelectuais marxistas heterodoxos, não se restringindo, portanto, a “uma unidade compartilhada de modo idêntico” pelos pensadores frankfurtianos, como bem salienta Soares do Bem (2013, p. 86).

Uma de suas mais expressivas e marcantes características seria, na verdade, a multiplicidade de orientações teórico-metodológicas entre seus integrantes. Axel Honneth (1999)³, ao tratar sobre os objetivos metodológicos da primeira geração da Teoria Crítica, apresenta alguns nomes vinculados ao Institut, entre os quais: Max

³ Os membros do Institut foram classificados por Honneth (1999) em “círculo interno” e “círculo externo”. O primeiro seria formado por Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Leo Löwenthal e Friedrich Pollock. Esses três primeiros pensadores alcançaram maior importância na imagem pública da Teoria Crítica. Já o “círculo externo” seria integrado por Walter Benjamin, Franz Neumann, Otto Kirchheimer e Erich Fromm. Para Honneth, esta seleção só foi possível retrospectivamente, uma vez que apenas uma posição marginal comum ao centro de debates da Teoria Crítica, como no caso do “círculo externo”, permitiu juntar estes autores. Jürgen Habermas representaria uma segunda geração da Teoria Crítica.

Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Dentre estes pensadores, a atenção a seguir se voltará para Theodor W. Adorno e Max Horkheimer como os precursores e representantes da primeira geração da Teoria Crítica.

A obra *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*, escrita em parceria por Adorno e Horkheimer, concluída em 1944 e publicada em 1947 em Amsterdam, conta com três ensaios filosóficos⁴. Esta é uma produção importante de acesso à crítica da ideologia desenvolvida pelos mais expressivos expoentes de uma primeira geração da Teoria Crítica frankfurtiana e inaugura uma discussão sobre o conceito de “indústria cultural”⁵.

No primeiro ensaio de a *Dialética do Esclarecimento*, intitulado “O conceito de esclarecimento”, os autores realizaram uma reflexão sobre as expressões de esclarecimento presentes no mito e sobre a ameaça material da reversão do esclarecimento à mitologia. No segundo ensaio, “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, a discussão é direcionada ao destino da arte na Modernidade, a qual, conforme destaca Sinnerbrink (2017), regrediria ao mero entretenimento e distração ideológica, perdendo, conseqüentemente, o seu teor crítico. A obra termina com o ensaio “Elementos do Anti-semitismo: limites do esclarecimento”, no qual os autores discutem sobre “as raízes psicológicas e sociais da reversão da civilização europeia à violência racista e à destruição niilista durante a Segunda Guerra Mundial” (SINNERBRINK, 2017, p. 129).

A partir de uma abordagem incisivamente crítica da sociedade de sua época, com a *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer pretendiam demonstrar como o esclarecimento e a razão iluminista configuravam-se em uma nova mitologia. Esta razão teria como ideal o “princípio esclarecedor” que desvencilharia homens e mulheres das amarras dos mitos e da imaginação a partir de um “desencantamento do mundo”, substituindo-os, assim, pelo saber racionalmente orientado. Este ideal de razão, que garantiu as revoluções instauradoras da ascensão da burguesia no século 18, passaria a

⁴ Em que pese a divisão da autoria dos capítulos cf., por exemplo, Maurício Chiarello (2001, p. 146): “o ensaio-título e o capítulo sobre Sade remontam, na maior parte, a Horkheimer; o capítulo sobre Ulisses e a indústria cultural remontam, em primeira linha, a Adorno”.

⁵ Este conceito vem sendo amplamente discutido em diversas áreas do conhecimento desde a sua fundação. Sobre a importância e influência do conceito de indústria cultural, os autores Zuin, Pucci e Lástória (2015, p. 47) destacam que o seu desdobramento poderia ser “observados em várias áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Sociologia, Psicologia, Educação, Literatura, Comunicação”.

representar uma crença cega no progresso que se expressava na dominação da natureza e dos homens.

A sociedade industrializada, no entanto, apresenta-se com um paradoxo bastante surpreendente, compreendido pelos autores como um processo de autodestruição do esclarecimento. Nesse sentido, Adorno e Horkheimer (1985, p. 168) afirmaram muito desoladamente que “o progresso da sociedade industrial, que deveria ter eliminado como por encanto a lei da pauperização que ela própria produzira, acaba por destruir a ideia pela qual o todo se justificava: o homem enquanto pessoa, enquanto portador de razão”.

Com sua racionalidade técnica, a sociedade industrializada teria em seu próprio germe a racionalidade da dominação, e com ela o projeto do esclarecimento estaria fadado à autodestruição. De uma forma geral, para os autores, essa situação se consolidaria com o surgimento da “indústria cultural”. O cinema e o rádio seriam os veículos privilegiados através dos quais se expressaria mais influentemente esse processo. O “esclarecimento”, deste modo, teria cedido lugar ao papel da indústria cultural, responsável por fomentar “conformidade e resignação entre os consumidores de bens culturais” (SOARES DO BEM, 2013, p. 91).

Nesta obra, Adorno e Horkheimer desenvolveram uma instigante reflexão sobre o fracasso do ideal iluminista de razão. É também nela que, com o conceito de indústria cultural, denunciaram o funcionamento dos meios de comunicação de massa e da indústria do entretenimento “como um sistema que não só assegurou a sobrevivência do capitalismo como continua[ria] exercendo função essencial em sua preservação, reprodução e renovação” (KONDER, 2002, p. 82).

Essa situação, para Adorno e Horkheimer, se consolidaria com o surgimento de uma “cultura industrializada” que desempenharia papel fundamental para a regressão do esclarecimento à ideologia. O termo “indústria cultural” foi forjado por Adorno e Horkheimer como referência ao mecanismo de produção de uma cultura de massas que não seria nem cultura em sentido estrito e nem seria proveniente das massas, antes seria “uma psicanálise ao revés”, porque regressiva (MATOS, 1993).

A indústria cultural, portanto, não exerceria a aparente função de meramente distrair ou entreter, mas desenvolveria o papel surpreendente enquanto “instituição de aperfeiçoamento moral” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 15). Aperfeiçoamento que, neste contexto, pode ser visto como submissão à lógica da dominação.

A “indústria cultural”, por não ser democrática, funcionaria como um veículo que escamoteia injustiças sociais, além de ser ela mesma uma expressão de injustiça (MATOS, 1993). A ideologia, por conseguinte, seria a expressão fundamental dos bens culturais produzidos e veiculados por uma cultura industrializada, a qual, nos termos de Eagleton (1997), caracteriza um “sistema totalitário” que gerencia e processa todos os conflitos sociais, privando-os assim de existência.

O contexto político e histórico, entretanto, influenciou fundamentalmente a Teoria Crítica frankfurtiana, cujos membros, Adorno e Horkheimer, exilaram-se nos Estados Unidos. Para mencionar apenas uma das críticas direcionadas a esses pensadores, esta recai justamente sobre o enfoque de uma projeção do “universo ideológico ‘extremo’ do fascismo nas estruturas inteiramente diferentes dos regimes capitalistas liberais” (EAGLETON, 1997, p. 117).

Ao levar em consideração que a escrita da *Dialética do Esclarecimento* se deu no fervor da Segunda Guerra Mundial, Benhabib (1996, p. 81) argumenta que o desencanto com as experiências do socialismo na União Soviética, o fascismo e a perseguição nazista dos judeus na Europa teriam “frustrado todas as esperanças de uma transformação revolucionária do capitalismo a partir de dentro”. Nesse sentido, conclui a autora, a Teoria Crítica teria se confrontado com a tarefa de pensar o “radicalmente outro”: “a crítica do Esclarecimento tornou-se tão totalizante quanto a falsa totalidade que procura criticar” (BENHABIB, 1996, p. 81).

Críticas como estas não são direcionadas exclusivamente à *Dialética do Esclarecimento*. Herbert Marcuse é um importante teórico vinculado à tradição frankfurtiana que, ao concordar em grande parte com as posições de Adorno e Horkheimer quanto às concepções de ideologia, ao papel do totalitarismo e do liberalismo, também recebe críticas semelhantes.

As colocações de Benhabib e de Eagleton estão em consonância com a tese central defendida pelo historiador inglês Perry Anderson em sua obra *Considerações sobre o marxismo ocidental*, de 1974. Nesta obra, o historiador investiga o advento do que conceituou de “marxismo ocidental”, termo que caracteriza uma nova configuração do marxismo europeu no período entre guerras e pós-Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1924 e 1968. Segundo o historiador, Adorno e Horkheimer se enquadrariam neste paradigma teórico.

Para Anderson, na esteira dos acontecimentos subjacentes ao marxismo ocidental estaria o desfecho da Segunda Guerra Mundial, marcando o “desaparecimento do comunismo como força viva no seio da classe trabalhadora na Alemanha Ocidental e da emergência e preponderância dos partidos comunistas de massa na França e na Itália” (ANDERSON, 1999, p. 65). Três seriam os traços específicos e essenciais apontados pelo historiador como característicos do marxismo ocidental como vertente intelectual: em primeiro lugar, haveria uma predominância de trabalhos epistemológicos que tiveram como enfoque central o método e as produções na área de conhecimento da Filosofia; em segundo, tais produções tenderiam a afastar-se de análises formalmente econômicas ou políticas, concentrando-se predominantemente em estudos de superestruturas, e teriam como centralidade a cultura; em terceiro, haveria um latente pessimismo nas inovações teóricas e temáticas nas produções em emergência.

Anderson (1999, p. 68) destaca ainda que “os obstáculos institucionais, representados pelos efeitos posteriores do fascismo, ou as limitações impostas pelo comunismo do pós-guerra, não foram absolutamente as únicas causas da esterilidade da teoria marxista nestas áreas, no cenário da Europa Ocidental”. Outro fator teria sido determinante para as abordagens dos teóricos marxistas ocidentais: “neste período (...) o capital atingiu uma consolidação sem paralelos em todo o mundo industrializado. Economicamente, o dinamismo global do longo *boom* das décadas de cinquenta e sessenta foi maior em toda a história do capitalismo até então” e, como consequência,

O crescimento geral e maciço registrado nesse período efetivamente inaugurou uma nova fase na evolução do modo de produção em si, aparentemente confundindo as previsões clássicas de sua derrocada ou crise iminente, e oferecendo problemas radicalmente novos à análise científica (ANDERSON, 1999, p. 68).

De modo similar se posiciona Konder (2002, p. 79), ao pontuar que “o modo de produção capitalista, no século XX, vinha se mostrando ainda mais perverso – mas também muito mais capaz de se renovar e perdurar”.

Diante de tais evidências, em condição de exílio, Adorno e Horkheimer perguntavam-se de onde o capitalismo extraía toda a sua surpreendente vitalidade. Esse ponto é fundamental para a compreensão de uma das principais preocupações colocadas por esses pensadores, uma vez que tinham como pretensões iniciais entender, no

contexto em que viviam, “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, estaria se afundando em uma nova espécie de barbárie”.

Adorno e Horkheimer, por fim, viam com desconfiança os avanços da tecnologia por compreenderem que ela só havia aprimorado até então os mecanismos despóticos. Para esses pensadores, como bem destaca Anderson (1999, p. 117), “a tecnologia [...] deixara de carregar a possibilidade oculta de uma sociedade alternativa: mesmo o avanço das modernas forças de produção tornara-se uma involução, perpetuando as relações de produção existentes”.

A “INDÚSTRIA CULTURAL” SOB O “PARADIGMA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO”, DE MANUEL CASTELLS

Pouco mais de meio século depois de ter início a discussão empreendida por Adorno e Horkheimer acerca de uma “cultura industrializada”, Castells aponta para uma transformação em ritmo intenso e acelerado de nossa “cultura material”.

Essa transformação se efetivaria em mecanismos que teriam relação com um novo paradigma tecnológico organizado em torno da tecnologia da informação. Estruturalmente, essa nova configuração social em formação é conceituada por Castells de “sociedade em rede”, uma vez que se constitui em redes que se estendem por diferenciadas dimensões fundamentais das práticas sociais.

Em se tratando do termo “paradigma da tecnologia da informação”⁶, Castells pontua que esta é a designação de uma das expressões mais marcantes da reconfiguração social representada pela transformação de base material da informação na sociedade. Por tecnologia da informação, Castells entende o conjunto convergente de tecnologias: microeletrônica, computação (*software* e *hardware*), telecomunicação/rádiodifusão, optoeletrônica, engenharia genética e seu crescente desenvolvimento e aplicações.

Cinco características seriam centrais nessa revolução tecnológica, a saber: (1) a informação como sua matéria-prima, isso porque “*são tecnologias para agir sobre a informação*”, não apenas informação para agir sobre a tecnologia, como foram as

⁶ “O conceito de paradigma tecnológico, elaborado por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi, com a adaptação da análise clássica das revoluções científicas feitas por Kuhn, ajuda a organizar a essência da transformação tecnológica atual à medida que ela interage com a economia e a sociedade” (CASTELLS, 1999, p. 108).

revoluções tecnológicas anteriores; (2) a penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; (3) a lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações; (4) o sistema de rede e sua flexibilidade; e (5) a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado (CASTELLS, 1999, p. 108-113, grifos do autor).

De acordo com Castells, no princípio, a “revolução da tecnologia da informação” comparava-se em magnitude e relevância às revoluções sociais anteriores (contando aqui com a Revolução Industrial como uma das mais importantes). No entanto, à medida que avançava, essa transformação social vinha ganhando forma e se diferenciando de qualquer outra, pois continha em seu cerne as “*tecnologias da informação, processamento e comunicação*” (CASTELLS, 1999, p. 68, grifos do autor), que expressariam visíveis transformações nos modos de comunicação humana.

Impulsionado pelo aparecimento da Internet, os grandes meios de comunicação de massa, que foram estruturados em torno da televisão durante a década de 1980, sofreram uma importante transformação com o surgimento de uma nova mídia descentralizada, diversificada e horizontal. A emergência de um novo sistema eletrônico que possibilitaria uma integração das diversas modalidades de comunicação humana (escrita, oral, audiovisual) em um mesmo sistema, teria como uma de suas principais características uma rede interativa a estabelecer um novo modo de comunicação. O surgimento dessas redes interativas possibilita a formação de uma rede de multimídia nos anos 1990, marcando o fim da audiência em massa.

Um aspecto significativo de todas essas mudanças, em especial da comunicação intermediada pela Internet, e que é de relevante importância para as considerações aqui apontadas, refere-se às novas formas de sociabilidade e às novas formas de vida urbana, às que Castells denomina de “a cultura da virtualidade do real”.

Para o autor, “o que caracteriza o novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, seria a sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais” (CASTELLS, 1999, p. 460-461). Com a “sua diversidade, multimodalidade e versatilidade (...), o novo sistema de comunicação [seria] (...) capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressões, bem como a diversidade de interesses, valores e imaginações, inclusive a expressão de conflitos sociais” (CASTELLS, 1999, p. 461).

Seria essa, portanto, uma formação que “enfraqueceria o poder simbólico dos emissores tradicionais”, que estariam estruturalmente fora do sistema. Contudo, isso não significa dizer que esses emissores venham a desaparecer massivamente, mas certo é que sua existência fica condicionada à premente necessidade de reconfigurar sua atuação considerando a multiplicidade de expressões desse novo sistema.

“INDÚSTRIA CULTURAL”, “MIDIAÇÃO” DA CULTURA E TECNOLOGIA DIGITAL

Levando em consideração os apontamentos acerca do que Castells designa por “paradigma da tecnologia da informação”, sem perder de vista os cenários de transformações sociais influenciados pela tecnologia na vida das pessoas, como poderíamos então avaliar as contribuições das reflexões sobre a “indústria cultural” presentes na *Dialética do Esclarecimento*?

O sociólogo norte-americano John B. Thompson talvez seja um importante autor que colabora em muitos aspectos para a compreensão de questionamentos como este. Em especial por ser um estudioso da questão da ideologia que, em suas investigações, considera as abordagens dos estudiosos vinculados à Teoria Crítica frankfurtiana.

A obra *Ideologia e cultura moderna*, de 1989 (publicada sete anos antes das obras de referência de Castells e escrita quase cinquenta anos depois de *Dialética do Esclarecimento*), é uma importante produção para pensar as configurações da cultura e sua relação com os meios de comunicação social de massas. Nesta obra, Thompson dedicou-se aos estudos da natureza e do desenvolvimento dos meios de comunicação social, que além de compreendidos como uma importante dimensão da sociedade, seriam a característica essencial de uma cultura moderna.

Dentre os aspectos pertinentes da produção de Thompson que poderiam contribuir com as reflexões aqui colocadas, acentuam-se dois deles: o primeiro relaciona-se ao objetivo central do autor de elaborar, na obra mencionada, uma teoria refratária ao enfoque pessimista dado à relação entre ideologia e meios de comunicação. Thompson, assim como inicialmente apontado por Castells, acredita ser este “um enfoque fundamentalmente falho” proposto por alguns estudiosos da temática – dentre esses autores estariam certamente as principais produções de Adorno e Horkheimer.

Como um segundo aspecto, Thompson (2011, p.11) propõe “repensar a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento dos meios de comunicação”, sem, no entanto, descartar muitos dos apontamentos críticos consideravelmente relevantes em a *Dialética do esclarecimento*. Nesse sentido, argumenta que posicionamentos considerados radicais, como os encontrados em a *Dialética do Esclarecimento*, foram desenvolvidos por pensadores que voltaram os seus olhares para

o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa como emergência de um novo mecanismo através do qual as ideias dos grupos dominantes pudessem ser propagadas e difundidas e através do qual a consciência dos grupos dominados pudesse ser manipulada e controlada (THOMPSON, 2011, p. 11).

Esse seria um enfoque que, “explícita ou implicitamente, moldou muitas das recentes contribuições ao permanente debate sobre a ideologia e seu papel nas sociedades modernas, bem como algumas das tentativas para refletir-se teoricamente sobre a natureza e o impacto da comunicação de massa” (THOMPSON, 2011, p. 11).

Ainda em convergência com as ponderações de Castells acima elencadas, Thompson afirma que os teóricos de “visão pessimista” interpretaram mal a grande transformação que vinha tomando forma na sociedade. Sob este olhar

tenderam a negligenciar um processo de muito mais significado [...], a proliferação rápida de instituições e meios de comunicação de massa e o crescimento de redes de transmissão através das quais formas simbólicas mercantilizadas se tornaram acessíveis a um grupo maior de receptores (THOMPSON, 2011, p. 21).

Esse processo é conceituado pelo autor como “mediação” da cultura e se constitui como uma das principais características das transformações sociais associadas ao surgimento das sociedades modernas.

Contudo, em sua obra, Thompson defende e acredita ser relevante preservar a tarefa de um projeto original da teoria crítica que se mostre significativo para a análise e compreensão das trajetórias de desenvolvimento das sociedades modernas. Desse modo, a perspectiva de uma teoria crítica social proporcionaria reflexões sobre as limitações dessas sociedades e, portanto, sobre as possíveis oportunidades de seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou as contribuições críticas da obra *Dialética do Esclarecimento* (1947), de Adorno e Horkheimer, a partir de reflexões sobre as relações sociais e os meios de comunicação de massa na década de 1940, colocando-as em interlocução com a produção teórica de autores contemporâneos para pensar os cenários de mudanças sociais relevantes que tiveram início na primeira metade do século 20, mas que só vieram a efetivar-se em larga escala nas décadas finais e na virada do último milênio.

Tendo como enfoque central o conceito de “indústria cultural”, desenvolveu-se uma abordagem da crítica da ideologia em a *Dialética do Esclarecimento*, conferindo maior visibilidade às contribuições desta obra sob a luz das considerações de Castells e Thompson acerca do paradigma da tecnologia da informação e da influência das tecnologias da comunicação de massas nas sociedades e nas culturas modernas.

Com base nas reflexões aqui desenvolvidas, vale destacar ainda que, diante de um cenário genocida de milhares de judeus na Europa da Segunda Guerra Mundial, o momento de produção da obra *Dialética do Esclarecimento* exigia a radicalidade que a tornou conhecida e reconhecida. O negativismo que caracteriza esta obra, portanto, foi expressão da realidade e não meramente do aparato teórico-conceitual de Adorno e Horkheimer. Tal negativismo, por sua vez, não pode deixar de ser compreendido como radicalidade da crítica nem como mera expressão da negligência diante dos rumos da história presente na primeira geração da Escola de Frankfurt.

Nos anos pós-guerra, mudanças estruturais significativas ocorreram nas sociedades europeias e em especial na Alemanha do pós-guerra. Os próprios pensadores, em uma edição de 1969 de a *Dialética do Esclarecimento*, reconhecem a obsolescência de algumas considerações precedentes, que já não teriam mais fundamento no novo contexto histórico.

Adorno, ainda sob este ponto de vista, em uma reunião de palestras e entrevistas editadas sob o título *Educação e emancipação* (1970)⁷, bem como em debates que datam de 1963, intitulado “Televisão e formação”, posiciona-se em favor de estudos que mostrem quais seriam os efeitos da exposição massiva a programas televisivos provocados nas pessoas, acentuando a necessidade de investigações científicas.

⁷ A edição em língua portuguesa foi traduzida por Wolfgang Leo Maar e pela editora Terra e Paz no ano de 1995.

Outro aspecto que limita uma restritiva rotulação de Adorno como um teórico radical seria a defesa da *educação* por este pensador. A educação, para Adorno, aparece como argumento e fio condutor em muitas de suas reflexões tardias. Ela seria a exigência de que Auschwitz não se repita: “*uma educação [que tenha] sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica*” (ADORNO, 1995, grifos nossos).

Desse modo, depreende-se das reflexões aqui debatidas que os pressupostos teóricos da obra *Dialética do Esclarecimento* não podem ser compreendidos sem que estes estejam estreitamente relacionados à maneira específica e ao modo com que Adorno e Horkheimer pensaram as contradições e os dilemas de suas épocas, bem como os desafios para a mudança e a transformação nas estruturas sociais nas quais ancoram suas reflexões.

REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Perry. *Considerações sobre o marxismo ocidental*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
2. ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Traduzido por Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
3. ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
4. BENHABIB, Seyla. A crítica da razão instrumental. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, pp. 71-98.
5. CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Ed. Paz e Terra S. A, 1999, Vol. 1.
6. CHIARELLO, Maurício G. *Das lágrimas das coisas – estudo sobre o conceito de natureza em Max Horkheimer*. São Paulo: Editora da Unicamp/ FAPESP, 2001.
7. EAGLETON, T. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, Editora Boitempo, 1997.
8. FREITAG, Barbara *A Teoria Crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
9. HONNETH, Axel. Teoria Crítica. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. (Orgs.) *Teoria social hoje*. São Paulo: UNESP, 1999. pp. 503-552.

10. KRANZBERG, Melvin. “Epígrafe”. In: CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Ed. Paz e Terra, 1999, Vol. 1, p. 113.
11. KONDER, L. *A questão da ideologia*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.
12. MATOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
13. PUCCI, Bruno; ZUIN, A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. C. N. (Orgs.). *10 lições sobre Adorno*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.
14. SINNERBRINK, Robert. Modernidade, intersubjetividade e reconhecimento: Habermas e Honneth. In: _____. *Hegelianismo*. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 149-178.
15. SOARES DO BEM, Arim. *Paradoxos da diferença: etnicidade, inimificação e reconhecimento (Alemanha-Brasil)*. Curitiba: Editora Appris, 2013.
16. THOMPSON, John. B. *Ideologia e cultura moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.